



entrevista com
carol carneiro

Entrevista com Carol Carneiro, cantora e musicista. Nascida em Brasília-DF em 10 de outubro de 1979. Entrevista realizada na Fazenda Taboquinha, Lago Sul-DF, dia 12 de maio de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Projeto

VIOLA central

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



Domingos: Carol, em que cidade você nasceu?

Carol: Eu nasci aqui em Brasília e quando eu tinha três anos, mais ou menos, fui morar em Recife com a minha mãe. Lá eu fiquei até os onze anos. Aí vivi toda aquela cultura lá, muito Alceu Valença, adquirei o micróbio do frevo - que todo mundo fica com uma pilha do frevo -, o temperamento Nordestino também. Até a parte da época da lambada, eu peguei muito esse começo lá, essa animação com as coisas... O carnaval de Olinda, então, nem se fala. Aí pronto. Com onze anos eu fiz visitas em Brasília e comecei a ficar apaixonada de novo pela cidade. Aí falei: “mãe, vamos voltar pra lá, vamos!”, que eu achei muito organizada. Lá em Recife já estava muito suja, aquela época eu comecei a comparar. É claro que assim que cheguei aqui em Brasília eu fiquei doida pra voltar, porque estava com onze anos, era quase adolescente... Mas continuei com a ligação em Recife e continuo ainda. Mas voltei pra Brasília e agora daqui é pra sempre, porque eu gosto muito de Brasília, boa qualidade de vida, de estudo.

Domingos: E quando você volta pra Brasília, quais foram as principais coisas que te marcaram?

Carol: Eu lembro que eu gostei muito dessa organização, essa coisa do espaço aberto... O dia a dia muito farto. Eu achei mais tranquilo. Mesmo quando eu era criança, adolescente. É um espaço novo, eu estava crescendo. Eu cheguei com onze [anos] e comecei a estudar violão. É aquela história, muitas vezes a gente pega o violão e vai pra viola. Acho que a maioria das pessoas, hoje em dia, fazem essa passagem. E aí comecei com o violão e peguei gosto de estudar, repertório, aquela coisa. Em 1999 eu fui pra Escola de Música [de Brasília]. Entrei e o violão estava difícil de conseguir, porque era muita demanda, violão é muita demanda. E aí tinha viola caipira lá, aulas de viola caipira. Falei: “ah, vou ter que aprender vários acordes sempre e a mão direita é muito importante pros instrumentos de cordas dedilhadas”. Então eu só peguei o que eu tinha do violão e procurei levar pra viola. Mas o que é um marco foi essa passagem que eu tive dos treze aos dezenove, tocando, fazendo conjuntinhos de rock pop em Brasília, mais informal, de garagenzinha, de chácara – chacrinha, na verdade, que eu moro aqui no mato. Mas aí entrei na Escola de Música em 1999, e a coisa começou. Eu fiz uma viola com o ADEN [Violas Aden], uma violinha. E daí pra frente agarrei na viola e até hoje eu fico com essa minha história aí com a viola. Trazendo uma história que eu vivi lá em Recife, as músicas de festa, frevo, o forró, a música brega, que tem muito lá, Reginaldo Rossi, a lambada, essas coisas. Pego e tento sintetizar no meu instrumento aqui em Brasília, que é a minha identidade, ligada ao Nordeste. Ainda gosto de pesquisar outras regiões, mas eu realmente tenho uma coceirinha pelo Nordeste mais forte!

Domingos: E a viola, quando você começa? Você passa a tocar viola na Escola de Música [de Brasília] ou já tinha tido um contato antes?

Carol: Em 1999 eu fui chamada pra tocar num grupo de forró, “As minas do rei Salomão”. Eu conhecia só umas duas pessoas, mas falei: “ah, vamos!” A banda já estava tudo certo, sabe?

Eu estava ainda dando os primeiros passos, e aí teve essa banda, fiquei mais ou menos uns seis meses. Mas deu aquele pontapé no forró, que a banda era de forró, “As minas do rei Salomão”. A gente tocava, a mulherada. Eu toquei baixo porque minha viola não estava amplificada ainda, aí eu peguei um berimbau lá de quatro cordas e toquei. A partir daí ficou essa minha vontade de fazer um grupo de forró e tudo. Deu um tempo, fiquei na Escola de Música e tudo mais. E depois desse tempo todo, em 2004 é que eu resolvi fazer meu grupo mesmo assim. Em 2004, não. Em 2004 eu retornei pra Escola de Música, que eu tranquei um tempo... Em 2007 eu fui formar meu primeiro grupo de forró [Roda na Banguela], forró pé de serra e cultura popular. Como o Pé de Cerrado, que também tem aqui, essa linha de ciranda, maracatu, frevo, quadrilha, coco de embolada, sambas. E a gente abraçou essa ideia de fazer música de festa, São João também que era um mote mais forte pra gente. [Era muito comum fazermos cortejos onde tocávamos músicas folclóricas populares]. Todo mundo aqui levava umas alfaias, um caxixi [instrumentos percussivos em geral e pifs também] - e eu nessa hora não levava muito a viola -, mas a gente ia num cortejo pra depois plugar as coisas e tocar o forrozão pro grande baile. Então com essa banda eu pude fazer tudo isso.

Domingos: E aí você já começou a compor nessa época, como foi?

Carol: Sim, eu tinha algumas letras. Desde 2009... Nossa como o tempo passa! 1999! 1999! *[Risos.]* 1999 foi quando eu entrei na Escola de Música. Comecei a escrever nesse ano, comecei a pegar a viola. Então, com a banda, com o suporte da banda, com as harmonias e os vocais - que meus amigos também queriam cantar -, a gente foi arranjando, eu fui fazendo as melodias, as letras foram se alinhando. Então com certeza foi aí que eu comecei a dar um corpo pra minha música autoral mesmo. Assim, minha primeira composição [pronta com letra, música e arranjo] com certeza foi em 2007, que é o ano da “Roda na banguela”.

Domingos: Você lembra de alguma música desse período aí?

Carol: Desse período sim, tem o “Canto novo”. “Canto novo” é que tem a ver com os cantos dos passarinhos. É uma música leve, mas que foi num período difícil... Mas ela me fez ficar num estágio um pouco mais terreno, que é o “Canto novo”. Sempre quando eu vou tocar, ou sozinha ou em grupo, eu peço pro pessoal fazer os assoviozinhos. Esse é o Canto Novo, o canto que chama o canto interior, infantil, primitivo, aquele primeiro olhar...

[Assovia, depois toca na viola caipira e canta a música “Canto Novo”, de sua autoria]:

Lelelerererei, iereiereiereie, Lelelererereie, iereiereiereie.

Lelelerererei, iereiereiereie, Lelelererereie, iereiereiereie.

Na casa de sertanejo

Sempre canta o passarinho

Que de noite fecha o olho

Pra enxergar seu destino

*A força no peito cresce
Não demora a esperar
Alegria que merece
Da lavoura semear*

*Passarinho vem de longe
Vem cantar nesse lugar
Sentimento mais puro
Vem meu coração tocar.*

*Passarinho vem de longe
Vem cantar nesse lugar,
Sentimento mais puro
Vem meu coração tocar.*

*Lelelerererei, iereierei, Lelelerererei, iereierei,
Lelelerererei, iereierei, Lelelerererei, iereierei.*

*Na casa de sertanejo
Sempre canta o passarinho
Que de noite fecha o olho
Pra enxergar seu destino*

*A força no peito cresce
Não demora a esperar
Alegria que merece
Da lavoura semear*

*Passarinho vem de long
Vem cantar nesse lugar
Sentimento mais puro
Vem meu coração tocar*

*Passarinho vem de longe
Vem cantar nesse lugar
Sentimento mais puro
Vem meu coração tocar...*

*Lelelerererei, iereiereiereie, Lelelererereie, iereiereiereie,
Lelelerererei, iereiereiereie, Lelelererereie, iereiereiereie.*

Carol: Esse é o Canto novo. Eu compus no Ceará, até foi com uma viola emprestada, eu levei pra varandinha... Lá no Ceará, na praia do Futuro. E aí veio a música. Mas eu não tinha o título dela, aí eu falei pra minha mãe pra ela me dizer o nome, que eu respeito a opinião da mãe e eu sabia que ia ser um bom título. Aí ela falou: “ah, bota ‘Canto Novo’”. Aí eu falei “nossa, nada a ver, mas tudo a ver!” Canto novo, poxa, tinha tudo a ver, como foi a sacada dela de chamar de “Canto novo”... Então pronto, surgiu essa música. É a primeira composição que teve da “Roda na banguela”, aí o arranjo foi se construindo aos poucos, coletivamente.

Domingos: **E essa questão de compor utilizando a viola. A composição fluiu mais com a viola ou com o violão você também compõe, como é?**

Carol: É, eu acho que a viola, ela... Você que é violeiro, você sabe que ela tem uma... Ela estimula as possibilidades de uma pessoa comum, assim como a gente, compor, e estar feliz, estar satisfeito. Esse acorde aberto sempre me deixou muito inspirada, porque o violão eu achava um pouco complicado pra falar a verdade. Para compor, ele dava uma segurada. E aí na viola eu compus e componho até hoje 90% das minhas músicas. As duplinhas, as vozes... Como a viola tem essa coisa dos vocais, as terças, as quintas, me inspirou até pros arranjos, as percussividades que ela tem. E com certeza ela é que abre a minha porta. Eu sou uma cantora, eu sempre fui cantora, eu sempre gostei muito de cantar. Mas eu sou uma cantora com a viola, não consigo me ver sem a viola. Então ela me possibilita ser independente também. Claro que eu gosto de tocar em grupo, adoro, mas nem sempre é possível a gente estar com um grupo. E ali eu vou fazendo minhas histórias, é o meu reflexo da minha vida ou de alguma coisa que surge. O mundo, não só na música, mas como ser humana... Eu vou fazendo essa minha história escrita na viola, nas cordas da viola.

Domingos: **Como que é tocar a viola em Brasília, as pessoas têm uma identificação com o instrumento?**

Carol: Eu acho que a viola ela é muito respeitada no DF por conta das origens da cidade. Então respeita, muito embora todo mundo relacione ela muito à música caipira - essa angulação ela é corrente. Mas sempre que eu chego as pessoas têm um fascínio com a viola, as modas. É, como se fala, é um coração. A viola, ela carrega um coração único. Então eu vejo muito em Brasília. Afora os espaços, que a gente demora pra chegar nas pessoas, que são longos... Mas tem sido muito bem aceita e é um terreno fértil pra expansão. Porque tem o violão e tudo, mas tem a sanfona que toca o forró pé de serra... Então eu entro muito nessa coisa do trio, música de festa e assim eu vou trazendo essa nova identidade. Nova não, porque a viola sempre foi, ela é considerada também como formadora de um trio pé de serra [geralmente associado à formação musical de triângulo, zabumba e sanfona] também. Tem a rabeca e a sanfona, só que a sanfona, ela é uma orquestra, ela tem uma história

também até pelo Luiz Gonzaga, que foi o grande gênio do forró. E a sanfona, trouxe a característica [do forró pé de serra] e fincou forte. Então, falando da viola em Brasília, ela está fincando. E já tem muitos músicos aqui como o Cacai Nunes, o Fábio Miranda, o Pedro Vaz, o Marcos Mesquita que já é um grande mestre, o Roberto Corrêa e outros mestres também. Pensando aqui muito no DF, que é com quem eu tive mais contato, essa turma assim está ralando aí, suando. Então a gente está bem unido. O Chico Nogueira também é um super parceiro que a gente tem até se encontrado mais. E é isso, é pra quem quer arregaçar as mangas, pra quem quer batalhar uma história, fazer uma coisa diferente, respeitando a tradição. Claro, é sempre bom estar emergido na tradição e retornando também. Entrar e sair com outras coisas. Mas é um espaço muito, muito, muito frutífero, aqui em Brasília, e ainda acho que a gente pode fincar mais. Fiquei muito feliz quando você veio falar comigo. Falei: “poxa, ele está comprometido mesmo, esse aí está, é em cordas de aço, é casamento.” Então eu, poxa, super acho lindo isso aí que você está fazendo. Muito, muito, muito bom mesmo, agora é só continuar em frente e agarrar forte mais ainda sempre.

Domingos: Com certeza. E você tem uma identificação com a cultura caipira?

Carol: Eu tenho mais com a nordestina, mas tenho, com certeza. Meu pai é paulista, do interior de São Paulo, lá de Itapetininga. E eu fui ter uma relação, desenvolver uma relação com ele mais tarde. E através dele eu pude ser tocada pela música caipira, entrar no universo. E também pelo fato de eu ter estudado com o Mesquita que também é roqueiro, e tudo, gosta de inovar, mas ele tem uma raiz caipira forte. E o Roberto Corrêa também, que ele tem uma raiz super caipira. Tenho uma identificação imensa com a música caipira e tudo que envolve o universo caipira, mas eu ainda vou dar mais uma assoviada aí nesse assunto, que é a música de seresta [que se relaciona bastante com o repertório musical da cultura caipira]. As músicas românticas, dos anos quarenta, dos anos trinta, estão nesse universo caipira que pra mim é fascinante, sabe? É uma construção assim que, sinceramente, é uma fonte que ainda pode voltar a jorrar. Não sei se isso é uma utopia, se é um romantismo, mas é muito lindo mesmo, romântico, de fato, essa forma de compor onde a música caipira está ali, muito forte, sou apaixonada mesmo. Mas é uma paixão assim... Ainda é um namoro mas com decoro. Com certeza eu vou fazer algumas coisas assim nesse sentido, brevemente.

Domingos: E como foi esse processo de estudar viola caipira na Escola de Música de Brasília? Qual é a importância de ter um curso de viola numa escola de música como a Escola de Música de Brasília?

Carol: Bom, traz mais respeito. Além de que a gente sabe que é um instrumento marcado pela sua oralidade, formaliza mais, difunde. Eu acho que a Escola de Música de Brasília é sucesso total, sabe? Não é só porque é o sonho de muita gente, até porque é difícil formar, demora. Mas é maravilhoso ter, porque são muitos os cursos [num só lugar], ainda mais aqui [perto do centro] do DF... Porque a UnB a gente estuda e tudo, mas é licenciatura, não tem aula de viola. Então é um lugar que você vai se musicalizar, você vai estudar viola, você vai

aprender a cantar, aprender teoria. É um acesso que graças a Deus ela surgiu, Levino Alcântara [fundador da Escola de Música de Brasília] veio desbravar essas terras ali e está cada dia mais organizado lá. Eu acho que tem que ter até mais assim, essas coisas maiores, níveis maiores assim, superimportante. Até abriu uma em Ceilândia também, se eu não me engano, uma Escola de Música. Mas tem que ter em todos os lugares, pode-se dizer que é uma academia mesmo, não tem o nível universitário, mas traz essa vivência coletiva do instrumento, da viola na prática de conjunto, viola com outros instrumentos clássicos. Abre novos espaços pra ela, que já não está fechada ali nas [práticas] individuais, [mas praticada em grupinhos] de “viola caipira de tradição”, abre ela [também pra o repertório mais global], pro mundo. A Escola de Música de Brasília, ela joga esses instrumentos e a viola pro mundo. Então eu sou assim totalmente apaixonada pela Escola de Música.

Tati: Carol, sobre essa multiplicidade da viola, você falou antes da entrevista que ela vai da Folia ao Rock. Eu queria que você comentasse um pouquinho sobre isso...

Carol: Sim. A tradição, ela está viva. Ela está viva e muito bem alimentada, graças a Deus. Até porque ela está baseada na terra mesmo, ela tem a relação com a rotina, do ser humano, o trabalho, as suas reflexões, o seu trabalho laborial. E esse contraste se dá porque a gente vive num mundo moderno. Então, é natural que o violeiro entre nesse novo espaço, ele queira também, “poxa, vou fazer um rock’n roll na viola...” Pô cara, que diferente, instiga também, traz uma sensação de: “ah, estou fazendo, estou conquistando um novo espaço, uma nova terra.” E aí vem o rock nessa angulação... Traz uma identidade para o grupo. Pro caipira mesmo, que quer fazer uma coisa diferente. Às vezes quer tocar um Legião, entendeu? O cara caipira ali e pá, toca um Legião, toca um rock’n roll, rock pop ou um rock internacional. Então é importante estarem investindo nesses outros segmentos da viola. Até lembrei que o Fábio [Miranda] me falou uma vez assim, conversa de cafezinho, vamos dizer assim: “se eu toco uma música muito caipira, aí meus amigos falam assim: nossa, ele é muito caipira... Aí ele pega, vai chega lá pros senhores pra tocar um rock’n roll, uma violinha meio diferente, eles dizem assim: “ih, olha só esse menino aí está tocando essa viola aí, como é que é esse negócio...” É isso, é um teste de sempre ir ganhando um pouquinho mais de segurança pra definir suas escolhas e tudo, dialogando, passando, transpassando por todos os contrastes. Por que da tradição, da viola caipira pro rock’n roll pode ser um contraste muito grande. Só que às vezes tem uma linha ali que une, que faz com que eles se aproximem mais e se respeitem. Mas que tem que ser uma coisa trabalhada dia-a-dia. Eu adoro, eu adoro, eu fiz uma participação uma vez com o Judas, aí eu achei massa eles me chamarem: a gente foi no Clube do Choro e pô, foi demais, foi demais mesmo. Aí a gente fez terças, eu abri vozes... Na viola eu fiz só uma introduçãozinha e tal. A gente curtiu um som legal, um som da pesada rural! *[Risos.]* Muito legal! Vida longa!

Domingos: O cerrado te inspira a compor, Carol?

Carol: Bastante. O “Canto novo” é uma... A gente sempre está acompanhado de um passarinho ali e acolá. Eu me sinto muito inspirada pelo cerrado e por Brasília também. Além

da natureza, essa construção, essa reinvenção humana. Mas a natureza, não sei... Eu acho que todos os instrumentistas - vou puxar a sardinha aqui pro lado -, mas a viola caipira, a gente se sente bem tocando ali no cantinho, na varandinha... Um passarinho, um clima árido ali fora e a gente ralando na viola. Isso aí pra mim, cara, é demais... O sol brilha mais forte. Aí vem aquela fechada, aquele frio, os dedos duros. Aí você já trabalha diferente e tal, você se adapta e trabalha também com essas variedades [climáticas]. Que aqui muda muito, fica úmido, fica seco, a viola trabalha. O que a praia faz em um ano aqui em três meses é o que a gente sofre. Então a gente tem que estar sempre assim, atento. E aí um cuidado, disso vem o zelo, “ah tem que cuidar da voz, tem que cuidar da viola, manutenção... Ah, mas eu tenho que me preservar pra fazer isso. Pô, vai estar frio aquele dia. Nossa, meu dedo tem que estar tinindo!” [Então é um cotidiano desafiador e inspirador que impulsiona mais e mais meu trabalho]. Tudo isso interfere e inspira, em todos os aspectos ele me inspira. É uma cidade que eu amo e pretendo viver para sempre!

Domingos: Tem alguma canção sua que expressa essa relação...

Carol: Olha, a “Canto novo”. Ela é bem forte e daqui, do cerrado, uma canção que me traz assim, essa identidade de crescer, de estar respeitando mais os ciclos... Mas com uma relação com um crescimento que eu vejo aqui em Brasília. Até essa coisa de estudar, de trabalhar, seguir a estrada. Tem uma que eu compus, eu escrevi a letra, mas acho que foi concluída esse ano, que eu arranjei ela pra violoncelo e pra rabeca, mas aqui eu vou fazer na viola, que é “O fogo e a peneira”. É uma poesia. Na verdade, ela era uma música que eu fiz melodia e depois eu fiz as duas coisas. Mas a poesia, ela é assim: “Canto na beira da estrada pra chegar na casa de quem pra mim é doutor, eu estou de malas prontas pro destino, pro divino. Deus me abençoi, nos abençoi”. Então eu vou tocar ela aqui:

[Toca na viola caipira e canta a música “O fogo e a peneira”, de sua autoria].

Canto na beira da estrada

Pra chegar na casa

De quem pra mim é doutor

Eu estou de malas prontas

Pro destino, pro divino

Deus me abençoar

Esse é o caminho que eu traço

Eu mesmo corro, eu mesmo acho

Mulher e homem tem seu valor

Esse é o caminho que eu traço

Eu mesmo corro, eu mesmo acho

Mulher e homem tem seu valor

Leva o fogo e a peneira

Casaco gelado é gemedeira

*Peneira o joio peneira o trigo
Vai no teu calor no coração do amigo
Leva o fogo e a peneira
Casaco gelado é gemedeira
Peneira o joio peneira o trigo
Vai no teu calor no coração do amigo*

*Canto na beira da estrada
Pra chegar na casa
De quem pra mim é doutor
Eu estou de malas prontas
Pro destino, pro divino
Deus me abençoar
Esse é o caminho que eu traço
Eu mesmo corro, eu mesmo acho
Mulher e homem tem seu valor
Esse é o caminho que eu traço
Eu mesmo corro, eu mesmo acho
Mulher e homem tem seu valor*

*Leva o fogo e a peneira
Casaco gelado é gemedeira
Peneira o joio peneira o trigo
Vai no teu calor no coração do amigo
Leva o fogo e a peneira
Casaco gelado é gemedeira
Peneira o joio peneira o trigo
Vai no teu calor no coração do amigo
Leva o fogo e a peneira
Casaco gelado é gemedeira
Peneira o joio peneira o trigo
Vai no teu calor no coração do amigo
Leva o fogo e a peneira
Casaco gelado é gemedeira
Peneira o joio peneira o trigo
Vai no teu calor no coração do amigo.*

Carol: O fogo e a peneira! Aí dessa relação surge... Porque o reflexo do seu eu, vem no outro. Então essa certeza de que eu não estou sozinha, antes de tudo, graças a Deus. Que eu posso trabalhar minhas relações e ver um diagnóstico de soluções no outro. E assim, um pouco de fogo, a peneira... Tudo muito com relação ao sol também, que é essa coisa de você

ficar em evidência ali. Elementos que fazem parte do nosso dia a dia aqui, peneirar e tal, a coisa do minerar. E o respeito a todos: “chegar na casa de quem pra mim é doutor”... E sempre surgem novos doutores pra gente seguir.

Domingos: Você costuma colocar nome nas suas violas, nos seus instrumentos?

Carol: Essa [viola], ela é meio assim largadona mesmo... É só viola, sabe? [Risos.] Agora nome mesmo, nome mesmo que eu pude nomear é a Gotinha, essa mocinha aí, minha Gotinha. É minha Gotinha, cada dia mais minha. Então essa viola foi feita pelo Seu João, lá de Taguatinga, [foi feita por ele e] pra ele. E aí o Marcos Mesquita sabia que eu queria uma viola com a mão na curva, aí ele lembrou de mim na hora e trouxe pra mim essa mocinha aí que me acompanha quando eu vou tocar. Me acompanhou no meu DVD e em outros momentos assim muito importantes, eu sempre estou com ela. Essa outra aqui, só pra falar um pouquinho: essa eu peguei do João do ADEN [Violas Aden] também, mas eu peguei porque ela parece um violão antigo, me lembrou assim um violão de 1960 da minha mãe. É mais pela madeira muito bonita, trabalhada... Fica chateada não que você vai ganhar um nome! [Risos.] E aí, essa Gotinha aqui é meu xodozinho. É meu xodó ela.

Domingos: Por quê?

Carol: Ah, porque ela é leve. Eu levo ela pros cantos, ela é bem amplificada, está do jeito que eu gosto, assim, ela está com o bracinho gostoso. É pequenininha, todo mundo gosta dela, ninguém cisma com ela! [Risos.] É a bichinha que ela é, vamos dizer assim, dengosa! [Risos.] Ela já estava pronta [quando o Marcos trouxe não precisei encomendar] mas eu acho que eu pedi pra Ele lá em cima fazer uma assim na curvinha, porque assim a mão encaixa melhor. A gente que toca fica com a mão com um pouco de tendinite, dói a mão. Então ela me ajuda muito nesse sentido. Mas assim, quis muito ela porque eu fiz uma música danada de aguda... Que eu já estou até, como te falei, fazendo a guiola, ela vai ter 24 trastes [e também vai me ajudar muito na tocabilidade]. Eu fiz essa música e as outras [violas] não me ajudavam com isso aqui [acordes tocados após a boca do instrumento], não rola de tocar muito confortavelmente nas outras [violas]. Fiz essa música que foi numa fase assim em que eu estava na minha transição pra Carol Carneiro, que eu saí do grupo. Assim, não saí, tipo assim, só tinha eu. Então eu falei poxa, “Roda na banguela”, legal, é um projeto que eu levo à frente, meus parceiros inclusive estão comigo. Mas eu vou responder por mim agora também. E logo nessa fase de transição eu fiz o “Convidando pra dançar”, que é um xotezinho cearense também, e essa violinha só chegou pra somar pra eu fazer essa música. Então ela se chama “Convidando pra dançar”, que é um forrozinho, um xote brega inspirado no Ceará. Assim, eu sou brega de coração, eu escutei muito Mastruz com leite, aquelas batidas [dedilha na viola.] Uma batidinha como aquelas do Petrúcio Amorim... Flávio José, tem aquelas: [canta] *nos braços de uma morena eu quase morro um belo dia ainda me lembro do cenário de amor...* E aí essa levada eu acho que dá um balanço legal, o pessoal do forró gosta de coisa nova, mas não gosta de coisa muito elétrica, que corta o clima. Tem os mais radicais... E cara, essa batida eu senti que ia fluir com o forró com a viola, o aço. Então

vou aproveitar, vou tocar ela aqui, “Convidando pra dançar”. E a minha vontade de dançar também, porque a gente que toca fica doido pra aprender a dançar finalmente. Mas pra falar a verdade, há pouco tempo atrás eu mesma pisava no meu próprio pé dançando! *[Risos.]* Então acontecia com frequência... “Convidando pra dançar”.

[Toca na viola caipira e canta a música “Convidando pra dançar”, de sua autoria].

*Pra dançar xote bem juntinho, bem colado
Tem que ter o passeio e um moreno pra fungar
Que é pra chegar no salão devagarinho
No passo do miudinho a noite inteira farrear
O zabumbeiro, triangueiro é forrozeira
Bota quente o chão vermelho, esquenta sem se queimar
E nessa dança o povo solto igual criança
Se lambuza igual criança e não tem fogo pra negar
Daquele jeito o sanfoneiro aperta o fole
O casal no bole bole, no jogo de improvisar
Na brincadeira passa tempo, passa hora
E o nego feito espora não para de convidar*

*Convidando pra dançar, convidando pra dançar
Mostrando pra toda gente, convidando pra dançar
Convidando pra dançar, convidando pra dançar
Mostrando pra toda gente, convidando pra dançar.*

*Pra dançar xote bem juntinho, bem colado
Tem que ter o passeio e um moreno pra fungar
Que é pra chegar no salão devagarinho
No passo do miudinho a noite inteira farrear
O zabumbeiro, triangueiro é forrozeira
Bota quente o chão vermelho, esquenta sem se queimar
E nessa dança o povo solto igual criança
Se lambuza igual criança e não tem fogo pra negar
Daquele jeito o sanfoneiro aperta o fole
O casal no bole bole, no jogo de improvisar
Na brincadeira passa tempo, passa hora
E o nego feito espora não para de convidar*

*Convidando pra dançar, convidando pra dançar
Mostrando pra toda gente, convidando pra dançar
Convidando pra dançar, convidando pra dançar
Mostrando pra toda gente, convidando pra dançar.*

Carol: Ô vontade de dançar! Na verdade estou só convidando com a viola, porque pra dançar tem que ir preparada! *[Risos.]* Pronto, isso aí foi essa junção do forró brega, essa mescla, essas raízes mesmo. Misturando, por exemplo, o estilo de Petrucio Amorim, de Pernambuco, com o estilo da banda Mastruz com leite do Ceará entre outras variadas referências. E fui achar o lado tradicional, porque a gente é garimpeiro de sons. Música às vezes é um pouco difícil ser crítico demais, de ter uma coisa assim de falar “esse som vou botar um nome pejorativo”, ou mesmo uma crítica mais feroz. Então eu gosto de garimpar alguns ritmos de grupos que geram polêmicas assim, com conceitos, academia, tradição, música nova. Então eu pude ser muito feliz quando entrei mais nesse universo do forró, o forró brega, que bombou ali em noventa [1990] com essas bandas, com essas bandas [como Matruz com Leite, Cavalo de Pau, Magníficos]. Assim como acontece esse movimento do sertanejo universitário, que colocaram o nome, eu acho que a gente pode achar o elo de diálogo sim. Porque hoje em dia está difícil dialogar, então quanto mais a gente se cercar de informações e de opiniões que possam ajudar e contribuir eu acho que é melhor. E eu sou a prova viva, porque me sinto muito feliz assim. Embora tenha os meus conceitos, as minhas opiniões, me encontrei evitando julgar coisa que eu não gostasse, mas achando uma intersecção desses gêneros brasileiros novos e antigos. E eu gosto dessa música especialmente, “Convidado pra dançar” que, além de ter essa história de dançar, traz essas reflexões... Eu penso que dançar é bom pra caramba, não é? É uma libertação. Vai dizer, e você? Você gosta de dançar?

Domingos: Eu gosto, mas eu não sei... A Sara que o diga! A Sara gosta!

Sara: É gostoso dançar!

Domingos: Eu piso não só no meu pé, mas da parceira também!

Carol: É, não é? Você está dois passos na frente! *[Risos.]*

Tati: E isso de colocar viola no xote, no forró, foi uma criação tua, como que surgiu?

Carol: Eu, assim... Intimamente foi um movimento natural. Depois eu fui pesquisando e tudo e vi que realmente o forró, o trio pé de serra, eles trazem essa parceria: rabeca, triângulo e zabumba; sanfona, triângulo e zabumba; viola, triângulo e zabumba. Mas foi assim, espontâneo, porque a minha mãe é nordestina do Ceará. Meu pai é do interior de São Paulo, eu estava com a viola ali e eu vivi a minha vida inteira com a minha mãe. Então eu era assim, sabe? Eu acordava de manhã escutando forró e tudo mais. E aí pronto, a minha criatividade foi toda em cima do forró pé de serra, o xote, a quadrilha, os outros gêneros que estão junto ali do forró pé de serra... O coco de embolada, muitas vezes está ali, o xaxado, e aí soa assim no coração. É forró pé de serra. Aquela coisa que - você que tem uma sandalhinha rasteirinha, assim como eu, [aponta pra Tati] -, ele arrepiá. Você escuta aquele mesmo forró, você escuta umas dez mil vezes e você se arrepiá sempre, sabe? O coração aperta, vem uma emoção assim pra ser trabalhada, sabe? Botada pra fora, falada, brincada, sorrída, dançada. E através desses ritmos assim de festa... Em especial o forró pé de serra que você falou, é

uma fonte pra mim, estar sempre criando nele e gosto muito, amo. Me arrepio com “Asa branca”, choro com “Asa branca”. É... “Feira de Mangaio” toco também, praticamente todos os dias, nos exercícios você vai pegando umas escalinhas ali, acabo fazendo a introduçãozinha. E também pesquisar essas coisas da festa, de dançar, sabe? De ver a galera sorrindo, mesmo sabendo que às vezes está batendo um papo, não está prestando tanta atenção, mas o ambiente que esse ritmo traz, de festa, que a música caipira também tem. Que até um plano é fazer isso, linkar mais. “Moreninha linda”, você vê, o pessoal pira. Começa ali “Moreninha linda” cara, é a mesma coisa, eu sinto assim que é uma hora que todo mundo fica igual. E o carimbó também, já tem tempo que ele é reconhecido, mas está mais forte... Ritmos do carimbó. Também tem a ver com festas. Mas a veia eu vou no meu forrozinho, eu pego aqui a viola, tem as cordas soltas... *[Dedilha a viola.]* Pego pra fazer os solinhos bem legal. Meu tom, a viola caipira em Ré é bom, me favorece tocar “Asa branca” *[dedilha Asa Branca na viola]*. O tom é bom pra mim pra caramba e aí eu vou fazendo aquele puxadinho, de forró. O bordão aqui em Ré, “Asa branca” é bom de tom. Bordão em Lá também é bom pra mim, pra cantar os baiões *[cantarola]: Eu vou mostrar pra vocês como se dança baião e quem quiser aprender é favor prestar atenção.* É tudo caminhando, fluindo, pra eu reforçar esse meu gosto pelo forró, só casamento... Casamento, quer dizer, casamento diário, namoro, paquera e por aí vai, essa coisa com o forró é muito forte.

Domingos: No Nordeste também tem bastante viola, mas o pessoal lá às vezes não coloca a viola no forró, ou colocam? Como é?

Carol: Eu acho que tem mais ligado ao repente, na coisa dos improvisos. Você vê ali o pessoal, eles improvisam até ganhar o dinheiro, a vida ali na hora. Mas esse é um outro tipo de viola. Mas de tocar [viola caipira] em banda mesmo tem crescido, mas ainda é muito diferente. Se a pessoa toca com banda ou mais profissionalmente, sempre [dizem]: “nossa, pô, o cara toca viola! Esse é o timbre da viola...” Eu faço votos que a gente possa ter mais espaço com a viola, as grandes bandas, eu apoio pra caramba quem introduz mais violas nos seus sons. Antigamente talvez tivesse até mais, com MPB, com Ednardo, com Fagner, o próprio Zé Ramalho tinha aquele som característico da viola, e eu acho que pode voltar. Mas, realmente, no Nordeste ela está mais ligada à parte do repente do que no forró mesmo, à escala mixolídio e tudo mais... Eu estou a mil! *[Risos.]* Eu estou a mil, agora, fazendo meu DVD. Gravei com Xangai, que é o meu super ídolo, e poder estar junto de uma pessoa que é totalmente... Que não é terreno você estar do lado dos seus mestres, porque eles inspiram sua caminhada. E aí quero muito que com esse novo DVD “Encantada na viola”, eu possa também jogar mais pra frente a viola. Ele vai vir com muitas músicas autorais, Gonzaga, Zé Ramalho, formações diferentes, carimbó - que eu gravei um carimbó que eu compus com meu parceiro João Baptista, ele na guitarra baiana e eu na viola. É... Coco de Embolada também, que eu fiz, mas esse não foi com a viola. E aí agora vamos ver, esse São João se Deus quiser eu estou jogando essa viola mais pra frente aí, no forró pé de serra, no DVD...

Domingos: Você estava falando da Guiola, o que é a Guiola?

Carol: Guiola é a minha viola caipira que tem um formato de guitarra, que eu pedi para um parceiro fazer lá no Rio, o Sérgio. Ele toca também, é professor, e ele já está na parte... Já fez a viola, fisicamente, e acho que daqui uns quinze dias eu estou com ela na mão. Ela tem uns Fs [igual o violoncelo] aqui também, e a curvinha aqui, de madeira, de cedro, marfim aqui... Eu estou toda entendida de viola, viu? E aqui é jacarandá baiano. E aí vai ser a última experiência que eu vou fazer porque a Gotinha já não é tão tradicional. Não é tradicional, na verdade... E aí estou muito ansiosa com a chegada dessa Guiola que o Sérgio chamou carinhosamente Guiola, casou legal, pra fazer os solinhos... Naquelas formações mesmo, um momento de música instrumental, uma cordinha mais baixinha, palheta, vai dar uma coisa nova aí, botar um temperozinho aí no molho! *[Risos.]* Logo, logo estou com essa bichinha. Madeira mesmo, vou deixar ela na cor da madeira e só passar verniz e pronto, está bom a bichinha aí já... Agora tem que tocar, que a gente pensa o instrumento demais, mas a gente na verdade sente falta é de tocar nelas, tocar em todas que a gente tem. E cada uma tem uma característica: essa aqui é da curvinha, mão na curva, mão na roda! *[Risos.]* Essa aqui já é mais a clássica, caixona, estou sempre cuidando delas também. Aí tem uma outra que é uma Rozini, que ela é aquela que eu plugo, mas que eu posso levar [para qualquer lugar], é aquela de guerra, que a gente chama. Você tem uma de guerra? *[Pergunta ao Domingos]* Tem, né? E aí tem essa Guiola que está chegando agora, que vai ser tipo essa aqui que eu levo pra tocar profissionalmente. Essa é que eu vou tocar mais, acredito que vou tocar mais os ponteados mesmo. A outra vai ser mais pra solar, a Guiola. Eu já estou sonhando acordada!

Domingos: O que você sente quando está tocando, Carol?

Carol: Ah, eu sinto... Nossa! Que pergunta pra gente falar em uma resposta curta... É. Eu sinto que sou eu. É um braço, assim, é um braço meu. Porque eu sou a Carol, todo mundo, os meus amigos, nossos grupos [me reconhecem]. Mas eu preciso da minha viola, sabe? Eu preciso dela comigo o tempo todo, pra todo lugar que eu vou não importa, eu levo a minha viola. Então a viola é o meu prolongamento, ela é isso. Eu sem a viola, eu não sou Carol. Eu sou eu com a viola, Carol da viola, não sei, não tenho o sobrenome, mas ela está dentro de mim. Então minha vida toda agora é dedicada a ela. A viola é isso pra mim, é a minha vida. É a minha vida como ser humana e como artista, como compositora, compromissada com o que pode vir de melhor no futuro. A viola é a minha porta aberta para o mundo. Eu sinto isso. Ela é o meu amor, minha paixão, a gente sabe só viver com ela. Acho que pra você eu falei do meu jeito, mas acho que pra você também é algo nesse caminho! *[Risos.]*

Domingos: Poder cantar, compor, tocar viola, melhora a vida?

Carol: Ah, claro, claro. Precisa saúde pra tocar, você precisa estar sempre bem disposto, tem que ter saúde pra transmitir energia, pra estar legal, pra estar aberto pra o crescimento, pras ideias novas, elogios, críticas, trabalhar. Então acho que a viola, ela me transforma numa pessoa melhor em termos mentais, espirituais. Porque se você tem uma coisa, você não tem pra si. Tem um compositor que fala *[cantarola]: Só é seu aquilo que você dá, o beijo que você*

deu é seu, é seu, é seu o beijo. Muito legal! A gente precisa dar ela e a gente precisa dar algo bacana. Eu que gosto de tocar forró, baile, eu preciso de energia, porque dá aquela suadeira danada. Quantas vezes, que tem que estar em pé, erguido, tocando lá... *[Toca a viola]*. Imagina! Então você pode até fazer automaticamente, mas você tem que estar com o cardiorrespiratório legal, você tem que estar feliz de estar fazendo aquilo ali, sem sufreguidão, e poder tocar para as pessoas. E às vezes a gente vai visitar [alguém], leva a viola. E sem falar que o repertório da viola todo mundo conhece, num lar de idosos ou de crianças. A gente sempre é retroalimentado por isso e a saúde que essa relação gera. Então, a cada dia eu me sinto mais saudável por estar com a viola assim, porque é o meu compromisso. Com certeza eu fico melhor com ela! *[Risos.]*

Domingos: Hoje em dia a gente está vendo que há uma produção muito grande de gravações de CDs com viola, os novos violeiros estão gravando bastante e consequentemente tem essa questão da profissionalização do músico com viola. Como é que você lida com isso, já gravou discos ou está gravando com viola?

Carol: Sim, a gente está entrando em estúdio. Eu já gravei um disco em 2012 com a “Roda na banguela” que é totalmente autoral e foi muito bacana o produto e tudo. Mas é um processo diferente, você estar ali gravando, repassar... A afinação da viola ela é trabalhosazinha mesmo. E foi um trabalho diferente que eu pude fazer. Além de estar tocando à noite, tive a oportunidade de fazer [a gravação] com o apoio do governo, que foi muito bom, foi uma super força do FAC, Fundo de Apoio [a Cultura] aqui de Brasília. E agora eu pude viver algo diferenciado que foi a gravação do meu DVD, 2017, setembro, que eu gravei ao vivo na Funarte. Rec-play, não tem aquele “volta e tudo mais”. À moda antiga. Porque os violeiros antigamente não tinham isso de ficar voltando. Ah, desafinou naquela nota, muda aquilo. Então eu pude ver que essa coisa de gravar ao vivo, é muito importante você manter a verdade, não estar voltando, usar dessas coisas de estar podendo modificar qualquer coisa. Aquela coisinha... Ah não, sei lá, tem que fazer na hora porque a coisa da tecnologia, ela acomoda um pouco a gente. Então eu posso errar o quanto que eu quiser. E aí nesse DVD realmente eu fui posta à prova, muitos olhares, muitas situações, vai e volta. Mas eu estou editando agora e a gente está procurando manter tudo fiel. O que for assim totalmente inevitável de gravar de novo a gente vai gravar, mas é um trabalho árduo, trabalhoso, mas que é bom demais pro crescimento do músico. Estar conectado ali ao vivo... Muito importante estar registrando a viola, estar tentando fazer ao vivo também, gravar. As duas coisas são legais, mas me veio esse *feeling* de procurar não ficar amarrada nessa coisa da tecnologia. A gente tem que ficar que nem os nossos mestres, que gravavam tudo ao vivo. Voltar pro analógico um pouco.

Domingos: E a experiência de estúdio, de gravar, como foi pra você?

Carol: Eu achei muito bom, nossa! Poder botar minhas músicas num CD. Pra mim parecia inacreditável, num certo momento... E sem falar que eu tive o incentivo de poder gravar, poder investir um valor, porque a gente tem muitos parceiros, mas a vida corre. Às vezes,

ninguém pode estar arranjando a sua música, porque o pessoal tem que ganhar o pão, tem que dar aula, muitos. E realmente eu me sinto assim, muito sortuda de ter conseguido esse incentivo financeiro, fez toda a diferença. Claro, eu também adoraria ser convidada pra gravar um CD, receber, que eu acho isso muito bacana, de se pensar. E o apoio da galera, o ORBIS aqui de Brasília, o Marcos Paulo é fera, superaberto, ele entende tudo que eu penso, os detalhes, o ouvido, trabalhar o ouvido. Eu quero mais é ver o bicho pegando, a viola gravando, a galera tocando rock'n roll, tocando forró, tocando música caipira, música nova, gravando viola, solo em banda, em acompanhamento, arranjo... Tem que botar a viola no estúdio cada dia mais, de preferência. Muito bom!

Domingos: E como está, hoje, a presença das mulheres tocando viola caipira?

Carol: Ah, eu acho demais, né? Eu acho show de bola. Eu acho que todas as mulheres que puderem pegar uma violinha, sentar, estudar, fazer suas [composições], cantar... Porque é assim, o povo fala um pouco de gênero, mas as mulheres às vezes tendem mais a cantar, e os homens a instrumentos. Mas eu acho que todos devem cantar e tocar. Porque eu canto e toco, eu quero o bom pra mim, eu quero o bom pro outro também. Mas é muito legal porque pra mulher, ela é um instrumento de afirmação, a viola. A gente está conquistando espaço, a gente está sendo mais respeitada. E a gente está também crescendo mais, a gente está se valorizando mais. A gente não aceita ser diferente, por um motivo de valores... Então é um instrumento de empoderamento feminino, um espaço que se abre na viola. Poxa, só sucesso, só sucesso. Traz mais força pra ela seguir em frente. Eu me sinto fortalecida com o fato de estar com a viola.

Tati: Você já sofreu algum tipo de desafio assim por ser mulher e chegar com a viola? Já aconteceu alguma coisa assim?

Carol: Não... Nunca, que eu me lembre não. Não, tudo tranquilo. Sempre legal! Bem bacana, meus amigos todos... Tenho amigas também que tocam percussão, rabeca, a gente mescla. Claro que acaba às vezes rolando um grupinho só de mulher, só de homem. Mas eu acho que com relação a preconceito de gênero não. Pelo contrário, sempre sou muito bem aceita. E eu gosto mais dessa coisa de as mulheres e os caras tocando, a gente faz vozes, a gente cresce mais junto. Porque às vezes é um risco você começar e ir para um outro extremo. E aí você gera situações também com isso, e acaba gerando um círculo vicioso que não é muito desejável. Até porque o caminho agora é novo, um novo espaço... Está tudo bacaníssimo!

Domingos: Manda mais uma pra gente?

Carol: Vou tocar uma aqui que é o "Xote provocado"

[Toca na viola caipira e canta a música "Xote provocado", de sua autoria].

Dançando xote provocado

Bem gostoso e apaixonado

Envolvida em teu calor

*Moreno vem não me maltrata
Nessa vida tudo passa
Mas teu cheiro não passou*

*Dançando xote provocado
Bem gostoso e apaixonado
Envolvida em teu calor*

*Moreno vem não me maltrata
Nessa vida tudo passa
Mas teu cheiro não passou*

*Se eu estou sem ele o sol não abre
Eu sinto frio, não sinto cheiro das flor
Se eu estou com ele eu fico alegre
Não disfarço e tome beijo e tome amor*

*Se eu estou com ele
Eu fico rosa e viro flor
E tome cheiro e tome amor*

*Castiga e não me bota pra chorar
Machuca sem doer pra me agradar
Me aperta de jeito e de tal maneira
Que eu te mostro a noite inteira
Meu amor o que é amar*

*Castiga e não me bota pra chorar
Machuca sem doer pra me agradar
Me aperta de jeito e de tal maneira
E vamos nessa brincadeira até o dia clarear*

Ouarreiarra, ouarreiarra... Ouarreiarra, ouarreiarra...

*Dançando xote provocado
Bem gostoso e apaixonado
Envolvido em teu calor*

*Moreno vem não me maltrata
Nessa vida tudo passa*

Mas teu cheiro não passou

*Dançando xote provocado
Bem gostoso e apaixonado
Envolvida em teu calor*

*Moreno vem não me maltrata
Nessa vida tudo passa
Mas teu cheiro não passou*

*Se eu estou sem ele o sol não abre
Eu sinto frio, não sinto cheiro das flor
Se eu estou com ele eu fico alegre
Não disfarço e tome beijo e tome amor*

*Se eu estou com ele
Eu fico rosa e viro flor
E tome cheiro e tome amor*

*Castiga e não me bota pra chorar
Machuca sem doer pra me agradar
Me aperta de jeito e de tal maneira
Que eu te mostro a noite inteira
Meu amor o que é amar*

*Castiga e não me bota pra chorar
Machuca sem doer pra me agradar
Me aperta de jeito e de tal maneira
E vamos nessa brincadeira até o dia clarear.*

Ouarreiarra, ouarreiarra... Ouarreiarra, ouarreiarra...

Carol: Como eu gosto de provocar... *[Risos.]* “Xote provocado”! Uma provocaçãozinha sempre é bem-vinda... Com jeitinho, sem doer! E vamos nessa!

Domingos: Carol, pra você o que é memória?

Carol: Olha, memória... Ela é o nosso presente, ele é resultado das nossas memórias. É uma construção. Ela trabalha as emoções. São memórias de infância, memórias de adolescência, memórias de marcos até sociais mesmo. E a gente se transforma também assim. Um lado da nossa personalidade é o resultado das nossas memórias emotivas. São cheiros que te trazem pra um lugar físico, que te colocam ali. São sons, é um passarinho que... O sabiá, por exemplo, me traz direto pra infância. Ele canta e eu não consigo decorar o canto dele, eu

não sei como que é... Será que isso é normal? Porque ele canta desde que eu era criança, mas tem horas que eu não consigo lembrar do som. Mas ele me traz sempre pra aquele espaço, o espaço da infância. E que bom que a gente tem memórias, porque a gente traz valores também, de dificuldades, de conquistas. Memória eu acho que é isso, é um pedaço da gente hoje em dia, um grande pedaço. Pra mim isso é memória.

Domingos: Você estava falando do canto do sabiá. No começo daquela música “Canto novo” você faz um canto diferente ali... Como é, você pode assoviar um pouquinho?

Carol: É o... *[Assovia.]* Acho que esse é igual o sabiá, não é? *[Assovia.]* Acho que é isso. Lembrei, olha aí! Estou bem, estou criança. É bom assoviar, é uma brincadeira. Sempre que todo mundo está assoviando é um bom sinal... *[Assovia.]* É um sinal de que está bem, que está num canto esperto. E é tão gostosinho o passarinho, todo mundo gosta. Escutar rádio nem todo mundo gosta, mas um passarinho acho que é mais democrático, não é? *[Risos.]*

Domingos: E o que é a vida?

Carol: Olha, a vida ela está acontecendo, o tempo todo. É a soma ou a subtração também, de coisas que a gente guardou e cresce com isso. E a vida acho que é isso assim, tudo que eu vivi de alegrias, de tristezas. Eu acho que a vida é o presente, é o que está acontecendo agora. Pra mim é isso. É agradecer, procurar estar presente, realizando aquilo e o coração batendo pra qualquer coisa, pra tudo - bom ou ruim. Não é o tempo todo só alegria e gargalhadas, a vida ela é um pouco sóbria, são várias nuances, todas essenciais. A soma. Mas acho que é isso a vida, resumindo assim: estar presente, com o coração presente aqui batendo, sentindo o sangue correndo, sentindo. Essa é a vida pra mim.

Domingos: Se você fosse uma música, qual seria?

Carol: A minha música? Uau! Acho que eu nunca pensei nessa canção... Que são tantas canções. Na verdade, acho que a minha música é uma emendada na outra! *[Risos.]* Eu acho que é a “Asa branca” emendada na “Volta da asa branca”, porque é o árido, e a chamada da chuva. Essas são as minhas canções, que trazem o meu temperamento. Ali não tem mais [nada], daqui a pouco chegou a chuva, agora está ficando verde, aconteceu, a gente saiu daquilo... É isso. A “Asa branca” e “A volta da asa branca”. É muito bonita... As duas, uma emendada na outra! *[Risos.]*

Tati: “A volta da asa branca” você toca também?

Carol: Eu toco. Ela vem junto com a “Asa branca”...

[Toca na viola caipira e canta a música “A volta da Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira].

*Já faz três noites que no norte relampeia
A asa branca ao ouvir o ronco do trovão*

*já bateu asas e voltou pro meu sertão
Aiai eu vou me embora, vou cuidar da plantação
Já bateu asas e voltou pro meu sertão
Aiai eu vou me embora, vou cuidar da plantação
A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se lembrou
de mandar chuva pra esse sertão sofredor
Sertão das mulher séria e dos homem trabalhador*

*De mandar chuva pra esse sertão sofredor
Sertão das mulher séria e dos homem trabalhador*

*Rios correndo as cachoeiras vão zoando
Terra molhada mato verde que riqueza
E a asa branca à tarde canta que beleza
Aiai, o povo alegre mais alegre a natureza
E a asa branca à tarde canta que beleza
Aiai o povo alegre, mais alegre a natureza
Sentindo a chuva me arrecordo de Rosinha
A linda flor do meu sertão pernambucano
E se a safra não atrapalhar meus plano
Que que há ó seu vigário vou casar no fim do ano
E se a safra não atrapalhar meus planos
Que que há ó seu vigário, vou casar no fim do ano.*

Carol: Então está chegando... Sempre chega uma gotinha ali... A esperança está sempre presente.

Sara: Você é brasiliense e traz muita coisa do Nordeste. O Nordeste está em Brasília também?

Carol: Ah está, ele está aqui. Ele está queimando aqui, queimando bem forte. Além das pessoas que vieram, a cultura desenvolve aqui também e bate forte. Bate forte no coração. É no centro, na periferia, muito bom, muito bom. Ainda bem que o Nordeste pode estar aqui e Brasília também poder comer dos frutos de lá! Amém, axé, vida longa pra essas raízes aqui e as nossas em construção.

Domingos: Você compõe também música instrumental na viola, Carol?

Carol: Eu tenho uma música instrumental, "O fogo e a peneira". É uma mescla, um híbrido de instrumental. Mas eu tenho um instrumental na viola que chama "Resfulengo da viola".

[Toca na viola caipira a música instrumental "Resfulengo da viola", de sua autoria.]

Carol: Esse é o resfulengo da viola. Resfulengar. A sanfoninha está ali, a violinha está...
[Dedilha na viola.]

Domingos: Carol, tem mais uma música sua que eu gostaria que você tocasse, se você estiver com ela na agulha. Eu não lembro a letra, mas é com um vocalize e tal...

Carol: Ah, sim, legal, “Ai mandinga”.

Domingos: É essa!

Carol: “Ai mandinga”. Só fazendo uma síntese: essa é minha música de libertação, ela marcou a transição para eu ser mais independente. Eu gosto, ela tem uma letra que me liberta, sabe. É o meu lado mulher, meu lado feminino. Ela pra mim divide uma fase nova minha, que é essa Carol Carneiro, a viola. Eu vou tocar ela aqui. “Ai mandinga”.

[Toca na viola caipira e canta a música “Ai mandinga”, de sua autoria].

Eaeaeaeia, eiaeiaaeiaha. Eaeaeaeia, eiaeiaaeiaha.

*Quando tu balança, menina dança
Teu corpo lindo quer namorar
Solta a saia e gira, mexe o cabelo
Sorriso belo, sem disfarçar
Pula faz um passo e a mão na cintura
Não tem mandinga pra te parar
Não tem mandinga, não tem mandinga
Não tem mandinga pra te parar*

Aaa, aaa.

*Menina agora te veste
Ninguém te manda esperar
Tu chega agora e vieste
Não deixa a vida passar
Quando te vejo faceira
Exala o cheiro da flor
Encanta, esquenta a fogueira
Com o peito cheio de amor*

*Como se mostra bonita
Resplandecendo a paixão,
Sem que a verdade te aflija
Me dá o tom da canção
Como se mostra bonita*

*Resplandecendo a paixão
Sem que a verdade te aflija
Me dá o tom da canção*

Eaeaeaeia, eiaeiaeeiaha. Eaeaeaeia, eiaeiaeeiaha.

*Quando tu balança, menina dança
Teu corpo lindo quer namorar
Solta a saia e gira, mexe o cabelo
Sorriso belo, sem disfarçar
Pula faz um passo e a mão na cintura
Não tem mandinga pra te parar
Não tem mandinga, não tem mandinga
Não tem mandinga pra te parar*

Aaa, aaa. Aaa, aaa.

*Menina agora te veste
Ninguém te manda esperar
Tu chega agora e vieste
Não deixa a vida passar
Quando te vejo faceira
Exala o cheiro da flor
Encanta, esquenta a fogueir
Com o peito cheio de amor*

*Como se mostra bonita
Resplandecendo a paixão,
Sem que a verdade te aflija
Me dá o tom da canção
Como se mostra bonita
Resplandecendo a paixão
Sem que a verdade te aflija
Me dá o tom da canção*

Eaeaeaeia, eiaeiaeeiaha. Eaeaeaeia, eiaeiaeeieiaha.

Carol: “Ai mandinga”. Prolongada a todo mundo, essa é uma manifestação feminina. Essa coisa de estar à vontade de ser quem a gente é, nesse espaço aí, nosso. *[Risos.]*

Domingos: Se você pudesse dar um conselho pras pessoas que estão começando uma jornada musical, trabalhando com essa questão da cultura popular, com essa riqueza das tradições que a gente tem, que conselho você daria?

Carol: Bom, conselho...

Domingos: Uma mensagem...

Carol: Uma mensagem... Bom, a mensagem que eu posso dar é pra que a pessoa acredite mesmo, que o principal é você acreditar que a coisa pode acontecer. E a partir daí você investigar o quê que você precisa pra ir, pra ver a coisa feita. O que é, é estudar? Qual é o seu caminho? Porque cada um tem uma resposta diferente. Então se você gosta mesmo disso você tem que fazer de tudo pra isso acontecer. Tudo, tudo. Claro que respeitando, sendo uma boa pessoa, fazendo o bem. Mas é isso, apostar tudo que você tem e que assim você vai ser muito feliz, muito recompensado, o mundo vai agir a seu favor. Você está a favor disso e aí essa sintonia só vai melhorando, vai melhorando, melhorando... E o seu encontro vai ser, como todo mundo fala, o próprio caminho. Porque a gente sempre está chegando em algum lugar diferente, são conquistas, elas estão chegando o tempo todo. É isso, acreditar e agarrar firme mesmo. Agarrar firme e ser feliz. E firme e forte.

[Toca na viola caipira e canta a música "Roda de Ciranda", de sua autoria]:

*Ciranda cirandeiro, ciranda vem brincar
Vamos juntos nessa roda pro povo se balançar
Ciranda cirandeiro, ciranda vem brincar
Vamos juntos nessa roda na ciranda cirandar*

*É bonito de se ver, coisa mais linda não há
Homem, mulher e senhor na ciranda a cirandar
Essa ciranda tão linda é de mim e de você
Girando a gente bonita gira o amor faz renascer*

*Ciranda cirandeiro, ciranda vem brincar
Vamos juntos nessa roda pro povo se balançar
Ciranda cirandeiro, ciranda vem brincar
Vamos juntos nessa roda na ciranda cirandar*

*Outro dia eu tive um sonho todas mãos iam se dar
Vamos gente junto agora brincamos a festejar
Essa ciranda tão linda vem de mim e de você
Girando a gente bonita gira o amor faz renascer*

Ciranda cirandeiro, ciranda vem brincar

*Vamos juntos nessa roda pro povo se balançar
Ciranda cirandeiro, ciranda vem brincar
Vamos juntos nessa roda na ciranda cirandar.*

Domingos: Linda, hein! Valeu, Carol, que satisfação! É sua essa ciranda?

Carol: Essa é.

Domingos: Nossa...

Carol: Essa é inspirada na Lia de Itamaracá, sempre uma inspiração!
